
Entrevistado/a: Marissandra Hoisler Valença

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 26 de junho de 2025

Local: EMEF Carlos Drummond de Andrade – Canoas

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória profissional e vínculo com a instituição

Marissandra Hoisler Valença é professora com 25 anos de experiência no magistério e atua na rede municipal de Canoas desde 2012, mesmo ano em que ingressou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Drummond de Andrade. Ao longo de sua trajetória, também trabalhou em outras redes municipais e na rede privada. Até o episódio das enchentes de 2024, nunca havia vivenciado a experiência de uma escola transformada em abrigo.

Transformação da escola em abrigo e primeiros acolhimentos

A entrevistada relata que a transformação da escola em abrigo ocorreu de forma emergencial, a partir de solicitação da Secretaria Municipal de Educação, diante do agravamento das chuvas em maio de 2024. Desde o primeiro dia, a escola passou a receber um grande número de famílias atingidas, muitas delas em condições de extrema vulnerabilidade, sem roupas, calçados ou pertences. As salas de aula foram rapidamente organizadas para acolher os desabrigados, incluindo famílias numerosas, idosos, crianças e animais de estimação, evidenciando um cenário marcado pelo impacto emocional.

Organização do abrigo e gestão coletiva

Marissandra destaca que, ao longo do funcionamento do abrigo, que perdurou cerca de 40 dias, a escola chegou a acolher aproximadamente 600 pessoas. A

organização dos espaços envolveu salas de aula, ginásio, áreas comuns e quadras externas. A gestão do abrigo contou com a atuação da equipe diretiva, professores, funcionários, voluntários, igrejas, ONGs e do poder público. Os próprios abrigados também participaram da manutenção do espaço, auxiliando na limpeza, organização dos banheiros, preparo de alimentos, etc.

Doações, redes de solidariedade

A entrevistada enfatiza o papel fundamental das redes de solidariedade, viabilizadas principalmente por meio das redes sociais e do contato direto com a comunidade. A escola recebeu grande volume de doações de alimentos, água, roupas, colchões, cobertores e marmitas, provenientes de diferentes regiões, inclusive do exterior. Ressalta o apoio da Secretaria de Educação, de supervisores escolares e de profissionais da saúde, que prestaram atendimento aos abrigados, além da atuação da segurança privada e da Brigada Militar, garantindo a segurança do espaço.

Ações pedagógicas, culturais e de cuidado

Mesmo funcionando como abrigo, a escola buscou manter ações voltadas às crianças e adolescentes, organizando atividades lúdicas, culturais e pedagógicas em espaços específicos, como sessões de cinema, jogos, brincadeiras e atendimentos realizados por ONGs. Também foram oferecidos serviços como corte de cabelo, distribuição de brinquedos e apoio à saúde. Essas iniciativas contribuíram para amenizar os impactos e fortalecer o sentimento de acolhimento.

Impactos emocionais, convivência e cultura escolar

Marissandra observa que a experiência do abrigo gerou tensões próprias da convivência prolongada em situação de vulnerabilidade, mas destaca que não ocorreram conflitos graves no interior da escola. Após o encerramento do abrigo, percebeu mudanças no comportamento dos estudantes, especialmente o aumento da ansiedade, agitação e insegurança diante de períodos de chuva intensa. Relata ainda situações de vulnerabilidade social entre alunos, que mobilizaram ações solidárias por parte dos professores, reforçando o papel da escola como espaço de cuidado, escuta e proteção.

Retorno às aulas e reorganização o cotidiano escolar

Com o retorno das atividades escolares após cerca de 40 dias de interrupção, a escola realizou reuniões com as famílias e organizou estudos compensatórios, incluindo atividades domiciliares e encontros presenciais, inclusive aos sábados. A entrevistada destaca que houve aumento no número de matrículas, em razão do deslocamento de famílias atingidas pelas enchentes para a região da escola, ampliando o desafio de reorganização pedagógica e administrativa.

Aprendizados e percepção da experiência

Ao refletir sobre o período vivido, Marissandra caracteriza a experiência como intensa, desafiadora e profundamente transformadora. Embora reconheça o desgaste emocional, destaca o fortalecimento dos vínculos comunitários, a solidariedade e o cuidado coletivo como marcas centrais do processo. Finaliza afirmando que a vivência revelou a capacidade de empatia e mobilização das pessoas diante da dor do outro, constituindo um aprendizado humano e institucional significativo.